



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

VANESSA STEPHANY SILVA PINHEIRO FREITAS

**A IDENTIDADE DA PERSONAGEM MARIANO NO ROMANCE *UM RIO CHAMADO
TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO**

ARAGUAÍNA/TO

2021

VANESSA STEPHANY SILVA PINHEIRO FREITAS

A IDENTIDADE DA PERSONAGEM MARIANO NO ROMANCE *UM RIO CHAMADO
TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína para obtenção do título de Graduada, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior

ARAGUAÍNA/TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

F866i Freitas, Vanessa Stephany Silva.

A identidade da personagem Mariano no romance Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mía Couto. / Vanessa Stephany Silva Freitas. – Araguaína, TO, 2021.
52 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.

Orientador: Carlos Borges da Silva Júnior

1. Identidade . 2. Mariano. 3. Personagem. 4. Memória . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

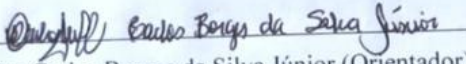
VANESSA STEPHANY SILVA PINHEIRO FREITAS


A IDENTIDADE DA PERSONAGEM MARIANO NO ROMANCE *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

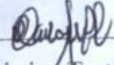
Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins - UFT - *Campus* Universitário de Araguaína, Curso de Letras foi avaliado para a obtenção do título de Graduada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

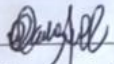
Data de Aprovação 11/03/2021

Banca examinadora:


Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior (Orientador), UFT


Prof.ª Dra. Andrea Martins Leite Mateus (Examinadora), UFT


Prof.ª Dra. Eliane Cristina Testa (Examinadora), UFT


Prof.ª Dra. Valéria da Silva Medeiros (Examinadora), UFT

AGRADECIMENTOS

Deus – a ti a minha eterna gratidão, pelo dom da vida e pela certeza de sua companhia durante todo percurso. Foram quatro longos anos e incontáveis foram os dias que pensei em desistir de tudo, mas o Senhor esteve presente, ensinando ao meu coração que tudo é possível. Deu-me forças nos piores dias. Diante do misto de emoções: ansiedade, angústia, medo e tensão, capacitou-me e fez-me compreender que é na minha fraqueza que me torno forte.

Aos meus pais, Elizangela Sousa Silva e Francisco Ferreira pelo incentivo à vida acadêmica e a todos os demais familiares que contribuíram, mesmo que indiretamente, para minha formação. Ao meu esposo, Reginaldo Gomes Freitas, que esteve comigo desde o início dessa caminhada, acreditou em mim mais do que eu mesma, deu-me ombro amigo, renunciou à incontáveis finais de semana para me fazer companhia nos estudos, fez-me acreditar que poderia ir cada vez mais longe e sempre me ofereceu a sua melhor versão. Meu querido e amado companheiro, obrigada!

As minhas amigas Elani Cristina da Silva Campos e Bruna Aguiar Ataíde, que levarei comigo para a vida toda, um dos maiores e melhores presentes que a graduação me proporcionou. Elani Cristina, em especial, é um verdadeiro anjo em minha vida, me acolheu mesmo com meus incontáveis defeitos, deu-me suporte técnico e emocional durante todo curso, faz parte de minha vida e é para mim como família. Nunca me disse não, guardou a dor dela no “bolso” e cuidou da minha. Às vezes deixou o conforto de sua casa para estar comigo nos momentos em que mais precisei. Tudo que eu disser aqui ainda é pouco se comparado ao que ela é e representa na minha vida.

Ao meu querido professor e orientador, Carlos Borges da Silva Júnior, por acreditar na minha capacidade intelectual e me conduzir durante todo processo de construção deste estudo. Por todas as orientações feitas inclusive, aos sábados, domingos e feriados. Não mediu esforços para me ajudar a construir um espírito crítico/reflexivo. Grata sou por todos os puxões de orelha, por todos os apontamentos construtivos e por, também, ter se tornado amigo nesta caminhada. Contribuiu grandemente para minha formação acadêmica. Parte do que sou hoje tem relação direta com tudo aquilo que construímos juntos durante os dois últimos anos de minha formação. Eu não sairia da mesma forma se não o tivesse conhecido. É um privilégio tê-lo como professor, orientador e amigo.

Minha gratidão a todos os meus queridos professores do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, cada um de vocês com suas particularidades contribuíram muito para minha formação. Levá-los-ei no meu coração sempre.

Por fim, e não menos importante, agradeço de coração a minha querida banca examinadora, Prof.^a Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, Prof.^a Dra. Eliane Cristina Testa e Prof.^a Dra. Valéria da Silva Medeiros que, gentilmente, atenderam ao convite e aceitaram contribuir com o conhecimento científico mobilizado neste estudo.

A todos, o meu muito obrigada, e um até breve!

“Nenhuma pessoa é uma só vida. Nenhum lugar é apenas um lugar”

Mia Couto

RESUMO

Este trabalho analisa a identidade da personagem Mariano no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor Mia Couto (2003). Tem o objetivo de discutir acerca das transformações identitárias vividas pelo protagonista, mediada pelo elemento memória em seu retorno à Luar-do-Chão. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, associada à análise da narrativa, sustentou-se em teóricos como Stuart Hall (2006; 2003) e Anthony Giddens (2002), que dialogam com a temática identidade, levando em consideração o contexto da pós-modernidade. Selecionou-se excertos do romance, destacando aspectos que evidenciam a fragmentação na identidade da personagem. A partir da análise dos dados, tornou-se ilusório pensar a identidade como sendo pura, fixa e estável, uma vez que ela se constitui como um múltiplo fator em formação. A identidade possui caráter transitório, o sujeito pós-moderno tende a assumir múltiplas possibilidades de identificação, sujeitas às modificações, de acordo com o contexto social em que está inserido.

Palavras-chave: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Identidade. Mariano.

ABSTRACT

This work analyzes the identity of the character Mariano in the novel *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, written by the author Mia Couto (2003). It aims to discuss about the identity transformations experienced by the protagonist, mediated by the memory element in his return to the Luar-do-Chão. This bibliographic research, associated with the narrative analysis, sustained by the theorists such as Stuart Hall (2006; 2003) and Anthony Giddens (2002), who dialogue about the identity theme, considering the post-modernity context. Was selected excerpts from the novel, highlighting aspects that evidence a fragmentation in the identity of the character. Then, from the data analysis, became illusory to think that the identity as being pure, fixed, and stable, since it constitutes a multiple factor in a formation. Identity has a transitory character, the post-modern subject tends to assume multiple identification possibilities, subject to modifications, according to the social context in which it is inserted.

Keywords: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Identity. Mariano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	15
3	O NARRADOR PÓS-MODERNO	23
3.1	A identidade autoral: o escritor e a obra	27
3.2	O enredo de <i>Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra</i>	28
4	OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE	31
4.1	Identidade fragmentada	36
4.2	Identidade em trânsito	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

Um dos efeitos da globalização no contexto da Modernidade Tardia é a desconstrução da ideia de estabilidade do sujeito. A concepção de sujeito absoluto é questionada e posta à prova. A difusão das informações alterou o modo de compreender as coisas do mundo e a própria noção de sujeito. No mundo globalizado, o sujeito pode acessar com rapidez e agilidade as informações que circulam, sem necessariamente ter presenciado certas situações. A quebra das fronteiras globais permitiu ao homem o acesso a diferentes culturas e essa interação repercutiu numa gama de incertezas que, conseqüentemente, influenciou na construção da sua identidade.

As mudanças constantes em seus referenciais de mundo, os questionamentos sobre o que seriam bases sólidas de sua própria existência e as trocas sociais são conseqüências de mudanças em sua identidade. O indivíduo passa a administrar múltiplas identidades, assumindo novas posições de interação. Isso reflete na identidade que ele tende a assumir em determinada situação. Seus valores passam a ser questionados e vão se modificando devido ao fato de que:

Vivemos em um tempo marcado pelas mais diferentes formas de diásporas e mestiçagens que desestabilizam qualquer pretensão a identidades estáveis. Com a globalização e a volatilidade das fronteiras, o sujeito contemporâneo se desestabiliza ainda mais, resultando no cada vez mais difícil reconhecimento identitário (DINIZ, 2008, p. 10).

A sintonia de suas identidades são postas em declínio, assim não é plausível afirmar que o sujeito possua uma única identidade, mas sim múltiplas formas de identificação, sempre sujeitas a mudanças, conforme o meio social em que vive. A reconfiguração da identidade implicou um conflito existencial do indivíduo consigo mesmo. Uma nova forma de relação que o impôs a uma necessidade de identificar-se ou não com o meio, isso tornou-o fragmentado e reflexivo (HALL, 2006).

É partindo do princípio de uma desintegração de identidades fixas que as reflexões deste estudo se solidificam, tendo em vista o sujeito frente as suas singularidades. Trata-se a identidade em sua incompletude, sujeita a mudanças, onde os conceitos sempre serão provisórios e inacabados. Portanto, nesta pesquisa selecionou-se como objeto empírico de análise o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do autor moçambicano Mia Couto (2003), com o objetivo de investigar a construção identitária da personagem Marianinho. A escolha da obra faz parte da pesquisa sobre literatura contemporânea *Memória, Identidades Culturais e Relações*

Assimétricas (SILVA JÚNIOR, 2018), proposta pelo professor Dr. Carlos Borges da Silva Júnior. Cujo objetivo é, pesquisar a partir do elemento memória, a construção de narrativas literárias. Mapear e problematizar a construção identitária enquanto processo de fragmentação. Selecionouse o romance de Mia Couto (2003), pelo fato de que “as manifestações literárias também vêm colocando como um dos problemas centrais a discussão sobre os processos identitários contemporâneos e sobre as negociações deles decorrentes” (DINIZ, 2008, p. 10).

O percurso metodológico desse estudo fundamenta-se na Análise da Narrativa literária como imersão na obra escolhida, destacando aspectos da linguagem e do fazer literário em *Um rio chamando tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003). A pesquisa bibliográfica também contribui com o estudo fornecendo subsídios teóricos. Segundo João José Saraiva da Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica “é feita a partir do levantamento de referências teóricas ‘já analisadas e publicadas por meio escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*’ sobre o tema a estudar” (2002, p. 31). Para fundamentar a discussão, buscou-se embasamentos teóricos a partir de autores que abordam a temática identidade, entre os quais destaca-se Stuart Hall (2006) e Anthony Giddens (2002). Ainda, contribuíram para o conhecimento científico desse estudo, autores como Andreza dos Santos Flexa (2013); Luciane da Mota Frota (2010); Carlos Borges da Silva Júnior (2008); Érika Ribeiro Diniz (2008); Silviano Santiago (2002, [1986]); Boaventura de Souza Santos (1993) Walter Benjamin (1987), entre outros.

A principal motivação para este estudo concerne, na relevância que o tema traz aos estudos literários. Ao ler a obra de Mia Couto (2003), o leitor considera o impacto de que a narrativa não se trata apenas da ficção de uma personagem; mas em acontecimentos que possibilitam refletir sobre questões identitárias. A trama é marcada por uma sucessão de eventos, descritos por Marianinho com uma riqueza de detalhes. A personagem é cercada de surpresas e de angústias. O leitor se vê como um investigador da trama, procurando informações sobre a vida de Marianinho, construindo reflexões, ao passo que observa Mariano descobrindo suas origens e sua história.

O deslocamento do jovem Mariano na trama acontece a partir do momento em que ele retorna a sua terra natal, em decorrência do falecimento de seu avô Dito Mariano. Esse retorno é marcado por conflituosas surpresas. Ele “redescobrirá a história para a sua própria vida e para a da sua terra” (OTINTA, 2008, p. 22). É a partir dos relatos de memória presentes desde o começo da narrativa que Marianinho tenta reconstruir aquilo que seria sua história, mesclando suas

experiências adquiridas na cidade com os acontecimentos vivenciados na Ilha de Luar-do-Chão. Esse contraste torna-se evidente nas decisões que ele assume no decorrer da trama.

Ao jovem Mariano é dada a missão de desvendar os segredos e organizar a vida de seus familiares. No entanto, o maior de todos eles está relacionado diretamente à vida do protagonista. As memórias revisitadas com os familiares, o recebimento de cartas anônimas, e outros acontecimentos ajudam Marianinho a descobrir sua verdadeira filiação. O falecido avô era, na verdade, seu verdadeiro pai. O desvendar desse mistério acontece a partir de labirínticos caminhos que o jovem percorre durante a estadia na Ilha.

Diante das leituras possíveis para o romance de Mia Couto (2003), a problemática deste estudo gira em torno da descentralização da identidade do protagonista Mariano, refletindo sobre a relação memória e identidade e como ela contribui para a construção identitária da personagem. Inicialmente, levanta-se a seguinte hipótese: que a personagem Marianinho constrói a partir de relatos de memórias, caminhos que o levam a redimensionar sua identidade, mediante as revelações ocorridas durante o funeral de Dito Mariano. De acordo com Otinta:

É no vai-e-vem de lembranças e recordações, que as personagens da ficção vão se confundindo muitas vezes com personagens reais da vida cotidiana, culminando em lances magníficos. Tratar-se-á, com certeza, de uma viagem para reconstituir, por meio de idéias, vivências e lembranças, uma terra chamada memória, esse rio e casa ao mesmo tempo, para vivenciar, de novo, o já vivido (2008, p. 21).

Reflete-se sobre o papel da memória em seus labirínticos caminhos e sua condição fundamental para o desfecho da identidade de Mariano, que mediante seu relato memorialístico e de seus familiares, busca o processo de (re)construção de sua identidade. O trabalho contribui com o estudo literário, apresentando ao leitor uma das possibilidades de interpretação para a obra, no que diz respeito à construção da identidade da personagem levando em consideração que a memória está interligada a esta problemática. O mecanismo memória faz surgir palavras mesmo “quando as palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.130), conectando os dois mundos. De forma decisiva, no romance acontece a “colisão de um presente ativo com seu passado reminescente” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 130).

Assim, esta monografia encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro, apresenta alguns construtos teóricos que fundamentam a temática. Nele discute-se sobre as rupturas e a descentralização que este conceito sofreu diante do contexto social de um mundo globalizado. As

reflexões apresentadas são de suma importância para fundamentar as discussões posteriores, bem como para analisar a obra selecionada.

A segunda parte tem como foco discutir o papel do narrador destacando seus elementos constitutivos e aquilo que o difere das narrativas tradicionais. Além de, trazer uma síntese sobre a produção literária do autor e a trama da obra a ser analisada. O último capítulo apresenta os resultados da análise, mediante os fragmentos recolhidos da obra, onde articulam-se, à luz da teoria apresentada, os processos de construção identitária da personagem Marianinho.

2. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A Modernidade Tardia pode ser considerada uma fase de desenvolvimento das relações humanas caracterizada pela globalização e por múltiplos avanços tecnológicos. Esse “complexo de processos e de mudanças [...] pode ser sintetizado sob o termo de ‘globalização’” (HALL, 2006, p. 67). A ideia de síntese a que o autor se refere não implica necessariamente em um conceito absoluto, tautológico, porém aos “processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (MCGREW *apud* HALL, 2006, p. 67). A dinâmica social desses tempos característicos reorganiza sentidos e contextos constantemente. O conhecimento sobre as coisas do mundo torna-se cada vez mais provisório, menos fixos; passam a ser instáveis, acompanhando o princípio de mudança característico dos tempos de globalização. Anthony Giddens (2002) destaca que:

a modernidade [tardia] institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que todo conhecimento tome a forma de hipóteses – afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípio estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em algum momento, abandonadas (GIDDENS, 2002, p. 10).

Não são apenas as informações e conhecimentos que são questionados, já que, a partir dessas mudanças, houve a necessidade de se questionar também acerca de nós mesmos. No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006) ressalta que o sujeito pós-moderno se constitui a partir de um processo reflexivo e de múltiplas mudanças. Para Giddens (2002), a sociedade moderna implica em pensar do sujeito como não sendo mais estável e nem tendo o controle de tudo. Para este,

mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude [...] a reflexibilidade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um *projeto reflexivo* [...] nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social (GIDDENS, 2002, p. 36-37, grifos do autor).

O olhar reflexivo para o eu possibilitou a compreensão acerca do sujeito, levantando problemáticas no que diz respeito a pensar questões identitárias em uma sociedade marcada por traços específicos de um tempo fragmentado. De acordo com Hall (2006):

[...] a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isto não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceptualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade *libertam o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas*. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais (HALL, 2006, p. 24-25, grifos nossos).

A fragmentação das identidades na sociedade globalizada desestabilizou a ideia de sujeito em sua completude. O eu, na Modernidade Tardia, reflete e agencia sua própria forma de poder, contestando assim as concepções “divinamente estabelecidas”. Isso ocorre a partir das múltiplas formas de interações midiáticas e de todos os aparatos tecnológicos que permitiriam as pessoas não precisarem estar no mesmo tempo e no mesmo espaço para compartilhar informações. Por isso, pode-se considerar que o conhecimento passa a circular com mais rapidez, influenciando diretamente a vida das pessoas.

Diante dessa fragmentação de tempo e espaço, entre outros aspectos, o sujeito socio-historicamente construído e sua identidade cultural deixam de ser concebidos com perspectiva pura e estável. Ao pensar por esse viés, a identidade é construída e constituída a partir de um múltiplo processo cultural e, em razão da globalização, ela jamais será completa e absoluta, pois conforme argumenta Hall (2006):

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p. 75, grifos do autor).

A globalização “tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p. 87). Nessa concepção, torna-se contraditório elencar conceitos únicos e/ou prontos em relação à

identidade pura, pois “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

Essa fragmentação do sujeito o torna instável, isto é, podendo haver transformações tanto nas “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, quanto nas “identidades pessoais” (HALL, 2006, p. 9). Essas transformações, permitem, sobretudo, “perda de um ‘sentido de si’ estável [...] chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9).

Stuart Hall (2006) apresenta três concepções de identidade. Elas estão vinculadas ao *sujeito do iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno*. O *sujeito do iluminismo*, tem como elemento constitutivo um sujeito *centrado, puro e unificado*, aquele que, conforme apresenta Hall (2006) é:

[...] dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa [...] pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade (HALL, 2006, p. 10-11, grifos do autor).

Baseado nessa concepção, considera-se que o sujeito do iluminismo é aquele que possui suas ideias definidas e que julga ter o domínio de todas as coisas. Esse sujeito irá permanecer sempre do mesmo modo durante toda sua existência e nunca estará apto aos processos de mudanças. Constituindo-se como detentor de toda sabedoria, tendo os seus preceitos extremamente estabelecidos, fechados e prontos, sem permitir-se à eventuais mudanças, segundo tal concepção.

O *sujeito sociológico*, por sua vez, é considerado como o reflexo de uma insuficiência em relação ao meio. Ele reflete, pois, “na consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeitos valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11). Esse sujeito em sociedade passa a ser fruto da interação com o outro e assim, essa relação de alteridade torna-se importante para a formação da sua identidade. Envolvido nesse processo interativo, esse sujeito “ainda tem um núcleo ou uma essência interior

que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). De acordo com tal concepção, a identidade “estabiliza tantos os sujeitos quantos os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificado e predizíveis” (HALL, 2006, p. 11). Isso quer dizer que essa condição de estabilidade e de identidades fixas vem sendo alterada, uma vez que:

o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas [...] O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno [...] (HALL, 2006, p. 12).

Mediante a essa fragmentação é que se discute a concepção do *sujeito pós-moderno*, aquele que “não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12). Para esse indivíduo, atravessado pela pós-modernidade:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12-13, grifos do autor).

Sob tal perspectiva, pensar a respeito dessa concepção pós-moderna possibilita refletir sobre a identidade enquanto um processo que é construído ao longo da existência do sujeito, desvinculando-o de uma visão simplista e estereotipada de uma identidade única e completa, uma vez que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Pensar identidade implica compreender o alto grau de complexibilidade de seus estudos, não existindo conceitos fixos e estabelecidos, mas uma “reinterpretação fundadora que converte o déficit de sentido da pergunta no excesso de sentido da resposta” (SANTOS, 1993, p. 32). Pode-se

considerar que um único indivíduo administra múltiplas identidades que se modificam a partir dos lugares e posições que ele ocupa, estando sempre em trânsito/movimento, sendo impossível tratá-la rígida ou conceituá-la em sua completude. Para Giddens (2002):

cada uma das pequenas decisões que uma pessoa toma todo dia – o que vestir, o que comer, como conduzir-se no trabalho, com quem se encontrar à noite – contribui para essas rotinas. E todas essas escolhas (assim como as maiores e mais importantes) são decisões não só sobre como agir, mas também sobre quem ser. Quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da auto-identidade, seu fazer e refazer (GIDDENS, 2002, p. 80).

As identidades não são *puras, fixas e estáveis*, mas sim marcadas pela pluralidade. Nesse sentido, os indivíduos serão constituídos não a partir do que os tornam iguais e únicos, mas pelas suas diferenças “a percepção do outro como humano equivale então a reconhecê-lo em sua diferença e como um ser cuja própria diferença tem um valor imprescritível [...] A consideração da diferença tornou-se a própria condição deste universal pelo qual somos idênticos” (MUNANGA, 2006, p. 26).

Nessa perspectiva, compreende-se a necessidade da presença do outro no processo de construção identitária, uma vez que o autorreconhecimento é mediado a partir da mobilização do conhecimento na relação com o outro. É durante a interação com o outro que, conseqüentemente, o indivíduo tende e deve assumir posturas relativamente diferentes. Giddens (2002) destaca que o sujeito:

não só deve estar preparado para interagir com os outros nos espaços públicos, onde se espera [...] a postura atenta aos critérios gerais de competência cotidiana, mas também deve ser capaz de ter um comportamento apropriado em grande variedade de ambientes e lugares. Naturalmente, até certo ponto, os indivíduos ajustam tanto a aparência quanto a postura de acordo com a maneira como percebem as demandas do ambiente particular (GIDDENS, 2002, p. 96).

Outro modo de se pensar a identidade é recorrer ao elemento da *memória*. É a partir dos relatos do passado ou de um antepassado, ou de suas próprias lembranças que o indivíduo busca (re)construir a imagem de si mesmo. Nesse sentido, ocorre uma conexão entre passado e presente, desencadeando uma (re)afirmação identitária. É comum que, em seu discurso, ele afirme quem é mediante relatos rememorativos seus, de um familiar mais velho ou de alguém que esteve presente em algum momento de sua vida no passado.

Compreende-se ainda que, apesar de fazer parte de um presente ativo, sua vida sempre se relacionará com um passado já vivido, fato este que estabelece uma conexão entre esses momentos. São aspectos que acionam construções da memória. É a partir desses relatos memorativos, que o jovem Mariano, protagonista da narrativa *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), que será analisada neste trabalho preserva a cultura do seu povo, desvendando os mistérios que giram em torno de sua família na pequena ilha de Luar-do-Chão. Para Luciane da Mota Frota (2010) “é a memória recuperando o passado que o tempo não conseguiu apagar e que numa sequência de acontecimentos torna-se a portadora de construção da identidade, tanto para Mariano, como para os seus parentes” (FROTA, 2010, p. 36).

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do autor Mia Couto (2003), desempenha aquilo que os autores Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha; Márcio de Melo Araújo e Natali Fabiana da Costa e Silva (2006) denominam de maior função relacionada à arte e à estética contemporânea:

provocar a pensar e encher vazios, esvaziar espaços, levar o leitor a abrir caminhos interrogativos e instigantes. A palavra-escritura torna-se imagem que estimula a reflexão ao longo de processos imaginativos de construção de estórias/histórias/narrativas, desafiando o leitor a desconstruir sua experiência do novo-eterno, ou seja, indagações sem respostas, inquietações a refletir a vida humana e suas buscas traduzindo, em seus estados mais significativos, ou angustiantes, ou apaziguadores, a urgência e ambiguidade universais e atemporais (CUNHA; ARAUJO; SILVA, 2006, p. 11-12).

Compreende-se que esse romance contemporâneo abre espaço para indagações e problemáticas nítidas no discurso da personagem. O leitor é envolvido nas entrelinhas da narrativa, experienciando as emoções vividas pelo protagonista e refletindo socialmente a construção de sua identidade. Para Cunha, o discurso da narrativa desse período:

[...] transforma-se em uma nova problemática, existencial e cultural, não mais restrita a um único território, mas sim a um novo conceito de lugar, determinando igualmente, um novo sentido de pertencimento e de posse, indicando a manutenção da substância essencial como elemento imperecível da condição humana (CUNHA, 2016, p. 23).

O romance de Mia Couto (2003) abre espaço para discutir questões sociais relacionadas à identidade e pensá-las a partir de concepções da era da Alta Modernidade em que as relações menos estáveis implicam compreender a construção de identidades fragmentadas. Anthony Giddens (2002) destaca que:

o mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios das atividades individuais e dos compromissos pessoais. E está repleto de riscos e perigos, pelos quais o termo “crise” – não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente – é particularmente adequado. No entanto, ele também penetra profundamente no centro da auto-identidade e dos sentimentos pessoais (GIDDENS, 2002, p. 19, grifos do autor)

Pensa-se nessa identidade como um múltiplo fator em formação e que está sujeita a deslocamentos e mudanças, visto que “um mesmo indivíduo, um mesmo ator coletivo pode possuir múltiplas identidades. Essa pluralidade de identidades pode engendrar tensão e contradições tanto na imagem que o indivíduo tem de si como na sua ação no seio da sociedade” (MUNANGA, 2006, p. 19).

No romance em questão há um conflito existencial na vida da personagem principal. Mariano, um jovem que estudou e se formou na cidade, ao retornar para a ilha de Luar-do-Chão por ocasião do funeral do avô, não se sente mais pertencente àquele lugar. Na cidade adquiriu novos hábitos estando em contato com culturas diferentes, ocasionando mudanças em sua estrutura social. Essas mudanças o fez perder seus “antigos perfis”. Desse modo, de acordo com Andreza dos Santos Flexa:

a associação entre o conjunto de valores constitutivos da tradição e as situações relacionadas às experiências da modernidade, vivenciadas por Marianinho na cidade, permitem conceituar o personagem como um sujeito contemporâneo que perdeu seus antigos perfis e, por tal razão se acopla a outros. [...] podemos entender o narrador-personagem como um sujeito pós-colonial, pois reflete a realidade dos sujeitos contemporâneos que transitam em meio a identidades fragmentadas múltiplas e deslocadas, geradas a partir das mudanças na estrutura social. Assim, o jovem narrador desloca-se da tradição para modernidade e desta para aquela, identificando-se com as identidades plurais e complexas que o transformam a cada contato (FLEXA, 2013, p. 32).

Essa relação de crise que consiste em não se reconhecer no processo é o ponto de partida da narrativa pela qual se dará a construção identitária da personagem. A morte do avô Dito Mariano representará um reencontro do jovem Marianinho consigo mesmo. O retorno à terra natal será essencial para desvendar os mistérios daquele lugar, bem como colocar em ordem a vida da sua família.

O retorno de Marianinho e a sensação de inadequação que ele sentia em meio à sua família e aos habitantes de sua terra natal deixaram latente a necessidade de negociação entre culturas e o reconhecimento de que várias mudanças ocorrem ainda de modo imperceptível. Marianinho, pessoa diaspórizada, registra um intercruciar de culturas e temporalidades capaz de desestabilizá-lo, mas também capaz de transformá-lo em agente de mudança e de tomada de consciência coletiva. A instabilidade somada ao não

pertencimento falam das lacunas identitárias presentes no nosso mundo globalizado (DINIZ, 2008, p. 117).

A identidade do jovem vai sendo construída na narrativa a partir da relação de alteridade que precisou manter para que ele pudesse (re)descobrir a si próprio. Diante da necessidade de pertencimento a si mesmo, Mariano “precisou abandonar a sua condição de único e centrado para se reinventar, assumindo múltiplas identidades que se transformaram continuamente” (FLEXA, 2013, p. 39-40). A identidade de Mariano irá suscitar o que Stuart Hall (2006) chamará de *Tradução*, uma vez que:

este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, composta por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal [...] elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, várias ‘casas’ (HALL, 2006, p. 88-89, grifos do autor).

O jovem Mariano, no desenrolar da narrativa, precisou negociar com essas “casas”, estabelecendo uma conexão entre as mesclagens culturais, e seus reflexos influenciaram diretamente na sua construção identitária, revelando contextos que ele desconhecia.

A ideia de uma identidade estável é desconstruída, uma vez que o sujeito se constitui a partir de múltiplos processos. Os conceitos compreendidos como “estáveis” passam a ser cada vez mais provisórios, o que possibilita pensar no efeito pluralizante ao se discutir e refletir sobre a concepção de identidade. Em consequência disso, o sujeito construído e constituído de modo fragmentado assume diferentes identidades e estas tendem a modificar-se diante da posição que este ocupa na sociedade.

Após esta incursão teórica, o capítulo a seguir é direcionado a um aprofundamento quanto aos aspectos que constituem o narrador pós-moderno, estabelecendo um contraste com o narrador do romance clássico. Além disso, apresenta-se, ainda, uma síntese da biografia do autor, bem como o enredo da trama do romance em análise.

3. O NARRADOR PÓS-MODERNO

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto (2003), é considerado um romance contemporâneo, sua narrativa se difere das clássicas e/ou tradicionais. Do ponto de vista clássico, o narrador é compreendido como um elemento de ficção criado pelo autor. Ele narra os acontecimentos e lança mão de uma efetiva participação destes (SOARES, 2007, p. 46). Nas palavras de Darlan Roberto dos Santos (2012):

Uma das diferenças básicas do narrador tradicional para o pós-moderno é que, enquanto aquele fazia da memória e da experiência os artefatos para tecer seu relato, este adota, como recursos essenciais, o olhar e a curiosidade, elaborando um discurso que revela, em última instância, a pobreza da própria experiência e a tentativa desesperada de recuperá-la, através do olhar lançado sobre o outro. A nova configuração da narrativa relaciona-se a uma série de implicações ou dilemas, a começar pela noção de autenticidade. Afinal quem narra uma história é quem a experimenta ou quem a assiste? (SANTOS, 2012, p. 10).

Silviano Santiago, em seu texto *O narrador pós-moderno* (2002, [1986]), discute, a partir de contos de Ediberto Coutinho, alguns pressupostos teóricos sobre o papel do narrador pós-moderno. Inicialmente, questiona-se sobre a identidade deste narrador. Seria ele alguém que experimentou, viveu e tem por base a experiência, “experiência de uma ação” ou alguém que somente viu, e narra “experiência proporcionada por um olhar lançado” transmitindo informações mediante aquilo que por ele fora observado?

O narrador pós-moderno “é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante” (SANTIAGO 2002 [1986], p. 45). Este narrador conta sua própria experiência, no entanto, busca mecanismos na narração diante da escolha do ponto de vista de alguém que vive, viveu ou tão somente observou o acontecimento.

A perspectiva tradicional discute que “a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 1987, p. 197). Para o autor, a troca de experiências estão em declínio e propícias à extinção. Isso se dá ao fato de que a narrativa pós-moderna é produzida para instigar o leitor a buscar/produzir sentidos, com papel ativo na construção de relações, não apenas mero espectador. Na narrativa pós-moderna,

as vozes que conduzem a trama podem ser diversas, visto que o narrador não é o único condutor da trama.

Silviano Santiago (2002, [1986]), destaca que “à medida que a sociedade se moderniza, torna-se mais e mais difícil o diálogo enquanto troca de opiniões sobre ações que foram vivenciadas. As pessoas já não conseguem hoje narrar o que experimentaram na própria pele” (SANTIAGO, 2002 [1986], p. 45). Por isso, a justificativa de narrar do ponto de vista clássico, mergulhado numa experiência absoluta/exclusiva não consegue mais se sustentar. O respaldo da narrativa pós-moderna está para além da experiência daquele que narra. Está vinculado à construção de linguagem, não sendo pré-requisito que o objeto da narrativa tenha sido experimentado pelo narrador. Um segundo elemento constitutivo do narrador pós-moderno apresentado por Santiago (2002, [1986]) é que ele:

transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem (SANTIAGO, 2002 [1986], p. 46-47, *grifos do autor*)

É o modo pelo qual o narrador se apropria da linguagem que dará autenticidade para àquilo que ele narra e não tão somente e isoladamente sua experiência por ter vivido os fatos. Tais aspectos de linguagens são observadas na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003). O narrador-personagem Marianinho desenvolve no leitor um espírito crítico investigativo. Um olhar que nunca dorme, pois, a qualquer instante algo novo pode surgir nas entrelinhas do romance. O leitor constrói aspectos significativos, abandonando o patamar de agente passivo, tornando-se um leitor ativo dentro do processo de significação, produzindo suas próprias referências a partir dos espaços discursivos a ele possibilitados.

No romance, Marianinho é considerado o narrador principal, porém, são apresentados também narradores secundários. Na perspectiva narratológica, Marianinho classifica-se como um narrador autodiegético pelo fato de ser protagonista e narrador da história. Já os personagens secundários, são considerados narradores homodiegéticos, por serem participantes dos acontecimentos que narram, mas não atuantes como protagonistas. Conforme afirma Soares

(2007), o “narrador homodiegético, pode ser o protagonista, impondo-se como um narrador autodiegético” (SOARES, 2007, p. 47).

O romance contemporâneo é conduzido por Marianinho, que não é o único condutor da narrativa, mas é um dos narradores centrais da trama. O que difere o romance de Mia Couto de outras obras clássicas e/ou tradicionais é justamente os elementos constitutivos de caráter pós-moderno. Na narrativa contemporânea, o narrador abre espaço para o olhar investigador do leitor, assim como diz Santiago:

O narrador olha o outro para levá-lo a falar, já que ali não estão para falar das ações de sua experiência [...] ao dar fala ao outro acaba por dar fala a si, só que de maneira indireta [...] o narrador se subtrai a ação narrada e, ao fazê-lo, cria um espaço para a ficção dramatizar a experiência de alguém que é observado e muitas vezes desprovidos de palavras [...] o narrador identifica-se com um segundo observador – o leitor. [...] Narrador e leitor se definem como espectadores de uma ação alheia que os empolga, emociona, seduz etc (SANTIAGO, 2002 [1986], p. 50-51).

A exemplo disso, destaca-se as cartas de Dito Mariano no romance. Conforme se lê no fragmento: “Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras” (COUTO, 2003, p. 65). Como um elemento constitutivo das narrativas pós-modernas, no romance, outras personagens tomam vozes para narrar. Em outra passagem se lê: “Estas cartas são o modo de lhe ensinar o que você deve saber” (COUTO, 2003, p. 125). Nota-se que o patriarca conduz em alguns momentos a narrativa, acrescentando a trama novas informações.

Intervenções como essa, conduzem o leitor a um olhar sobre o que o movimento do narrador pós-moderno faz. Este direciona o turno de fala a outros participantes da narrativa que acrescentam novas informações e depoimentos. Os relatos não obedecem a uma ordem linear dos acontecimentos. Por isso, o leitor precisa estar atento, como um “investigador” de acontecimentos. No decorrer da trama, esse compartilhamento de vozes da narrativa é percebido mediante o diálogo que o protagonista mantém com os moradores da Ilha e com seus familiares, que também participam da narração.

Um exemplo de interação, é a relação mantida por Mariano e o pai Fulano Malta, “Está ausente, levado pela tristeza. Ele que tanto lutara por criar um mundo novo, acabou por não ter mundo nenhum. – *Minha tristeza, lhe confesso, é nunca ter sido pai. – Não me teve a mim? – Ah, sim, claro. Não Ligue...*” (COUTO, 2003, p. 225 grifos do autor). Fragmentos como este, evidenciam um olhar investigador sobre o romance, alguns deslizamentos na fala de Fulano Malta, como

esquecer-se de que é pai? Seus comportamentos quanto à paternidade parecem estranhos aos olhos do leitor.

Cada uma à sua maneira, as personagens atuam no romance de modo a contribuir com o desenrolar dos fatos. Leitor e narrador produzem juntos sentidos para significar a trama. Os fragmentos encontrados na narrativa fazem parte dos elementos constitutivos do romance pós-moderno. Para fundamentar esse pensamento, Santiago discute que:

os personagens observados, até então chamados de atuantes, passam a ser atores do grande drama da representação humana, exprimindo-se através de ações ensaiadas, produto de uma *arte*, a arte de representar. Para falar das várias facetas dessa arte é que o narrador pós-moderno – ele mesmo detendo a arte da palavra escrita – existe. Ele narra ações ensaiadas que existem no lugar e no tempo em que lhes é permitido existir (SANTIAGO, 2002 [1986], p. 60).

O romance pós-moderno, abre espaço para novas vozes na narrativa, ou seja, um novo olhar sobre os acontecimentos mediados pelo narrador. É um modo diferente de tratar a ação narrada, o sentido não se restringe somente ao que dizem as palavras, mas ao modo com que o olhar lançado sob o não dito produz significação (SANTIAGO, 2002, [1986]).

Em contrapartida, Antonio Candido, numa perspectiva estruturalista de estudo, considera a personagem como um ser puramente fictício. Para este autor, o romance “sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” baseando-se “numa relação entre o ser vivo e o ser fictício” (CANDIDO, 2014, p. 55). Essa relação de verossimilhança estabelecida por Candido para tratar da personagem defende que ela depende das condições de criação do romancista e o teor de verdade só pode ser concebido mediante uma relação harmoniosa de todos os elementos que a compõem, possibilitando a comparação entre si. Pois “mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente” (CANDIDO, 2014, p. 75).

O romance moderno constitui-se como um desprendimento de bases estruturalistas, procurando “aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a idéia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista”, constituindo-se “numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada” (CANDIDO, 2014, p. 59-60).

A produção artística literária evidencia o papel principal da Literatura, apresentar e denunciar em suas narrativas aspectos ideológicos, políticos, econômicos e sociais. Uma literatura

que questiona e estabelece contratos para representar um discurso histórico e denunciador de determinadas situações. Com o objetivo de despertar no leitor a inquietude, para que ele possa produzir suas relações de sentido, a literatura contemporânea apresenta-se numa nova perspectiva de problematizar os espaços discursivos (PROENÇA FILHO, 1969).

É partir de um olhar social que Mia Couto escreve o romance *Um rio chamado tempo uma casa chamada terra*, (2003). O autor apresenta traços de uma descentralização na identidade do protagonista. Traz à tona aspectos sociais, ilustrados num discurso histórico representativo, fazendo com que o leitor se torne crítico/reflexivo, conduzindo-o a processos de significação. O leitor encontra-se frente a espaços de problematização em que precisa produzir significados para compreender os conflitos do romance.

3.1 A identidade autoral: o escritor e a obra

Antônio Emílio Leite Couto, ou melhor dizendo, Mia Couto, nasceu em 1955, na cidade de Beira, em Moçambique. Iniciou sua carreira literária ainda muito jovem. Aos 14 anos começou a publicar poemas em jornais e 16 anos mais tarde teve seu primeiro livro (de poesias) publicado. Atualmente, o escritor possui um vasto histórico de publicações não só de Romances como também de **contos**¹, **poesias**² e **crônicas**³. É membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo eleito no ano de 1998, ocupa a cadeira de nº 5, que tem por patrono Dom Francisco de Sousa.

E como este trabalho analisa o gênero Romance, optou-se por listar suas obras que constam relacionadas do *site* de Elfi Kürten Fenske (2012), entre as quais se destacam: *Mulheres de cinza* (2015); *A Confissão da leoa* (2012); *Jerusalém* (2009); *Venenos de Deus, remédios do diabo* (2008); *O outro pé da sereia* (2006); *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003); *Mar me quer* (2000); *O último voo do flamingo* (2000); *Vinte e zinco* (1999); *A varanda do frangipani* (1996) e *Terra sonâmbula* (1992).

As obras do autor renderam-lhe prestígios e premiações. O escritor recebeu, em 1989, o *Prêmio Anual de Jornalismo Areosa Pena* pelo livro *Cronicando* (1988). No ano seguinte, recebeu

¹ *O fio das missangas* (2003); *Estórias abensonhadas* (1994); *Na Berma de nenhuma estrada* (1999); *Contos do nascer da Terra* (1997); *Cada homem é uma raça* (1990) e *Vozes anoitecidas* (1987).

² *Vaga e lumes* (2014); *Tradutor de chuvas* (2011); *Idades, cidades, divindades* (2007); *Raiz de orvalho e outros poemas* (1999); *Raiz de orvalho* (1983).

³ *Pensageiro frequente* (2014); *E se Obama fosse africano? e outras intervenções* (2009); *Pensatempos* (2005); *O país do queixa andar* (2003) e *Cronicando* (1988).

o *Prêmio Vergílio Ferreira* (1990) pelo conjunto de sua obra. Cinco anos mais tarde, em 1995, o livro *Terra sonâmbula* (1992) foi considerado uma das melhores obras do século XX, sendo merecedor do *Prêmio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos* (AEMO). O livro *O último voo do flamingo* (2000) recebeu o *Prêmio Mário António* (2001). Em 2007, Mia Couto recebeu o *Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura* (2007) pela obra *O outro pé da sereia* (2006).

No ano de 2011, Mia Couto recebe o *Prêmio Eduardo Lourenço* pelo reconhecimento como propagador da divulgação da língua portuguesa. Em 2013, recebeu o *Prêmio Camões*, a mais importante premiação literária da Língua Portuguesa, concedido a escritores que contribuem para o progresso cultural da Língua Portuguesa pelo conjunto da sua obra. Por último e não menos importante, recebeu o *Prêmio Internacional Literatura Neustadt* (2014) pelo conjunto de sua obra. Fenske (2012) destaca que suas obras foram traduzidas e publicadas em outros países, com direito a adaptações para o teatro e para o cinema. Mia Couto é considerado um “escritor da terra”, buscando sempre alcançar o olhar atento do leitor para as questões sociais presentes à sua volta.

O escritor parece combinar seus conhecimentos profissionais com um amor profundo por sua terra, transferindo para o papel as riquezas e as diversidade de um Moçambique ficcionalizado, espaço fascinante e que, ao mesmo tempo, coloca questionamentos de amplitude global, questionamentos para o mundo contemporâneo [...] (DINIZ, 2008, p. 11).

Filho de pais imigrantes, já foi jornalista e professor e, hoje, biólogo e escritor. Mia Couto acompanhou de perto os conflitos de Moçambique. E isso é marca evidente em suas narrativas, que mesmo tendo uma linguagem formal, apresenta traços da linguagem de seu povo.

Essa breve síntese da vida do autor e de sua produção bibliográfica, bem como de suas premiações foi realizada com o objetivo de despertar no leitor dessa monografia o desejo de conhecer suas obras e realizar outras pesquisas sobre o assunto. Cumprida a tarefa, o próximo tópico apresenta a síntese da trama de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003).

3.2 O enredo de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* narra a história de Mariano. O jovem universitário recebe o comunicado da morte do avô e embarca, em uma viagem a Luar-do-Chão, para participar do funeral de Dito Mariano. Mariano recebe a incumbência de presidir os

rituais fúnebres de seu avô, guardando a casa, as tradições e desvendando os mistérios de sua família.

A morte de Dito Mariano não fora clinicamente diagnosticada pelo médico, o avô encontrava-se em trânsito de vida e morte e, por isso, a família não poderia cumprir o sepultamento até que fosse comprovado seu falecimento. A vida do patriarca é cercada por mistérios e à Marianinho é dada a missão de desvendá-los, no intuito de devolver a paz e colocar em ordem a vida dos moradores de Luar-do-Chão.

O desenrolar dos mistérios se dá mediante a aparição de cartas anônimas recebidas pelo protagonista, que revelam segredos sobre sua família. Ele busca reconstruir sua história, resgatando as memórias de seu povo. Ao descobrir que Dito Mariano era o remetente das cartas, a sequência misteriosa dos labirintos memoriais vão tomando sentido. Marianinho guiado pelas supostas cartas segue adiando o sepultamento do avô, pois não se poderia completar os rituais antes que a família fosse completamente organizada.

De repente, algo muda na transmissão dos recados, as cartas já não aparecem mais prontas e acabadas. O próprio jovem, numa tentativa de escrita de versos livres e ideias soltas, é tomado por um processo de transfiguração da caligrafia. A sequência de palavras não era redigida conforme sua vontade, porém traduziam-se mediante aquilo que o mensageiro (Dito Mariano) quisera tratar, “aquilo que estou escrevendo se transfigura em outro escrito. Uma outra carta vai me surgindo [...]” (COUTO, 2003, p. 170). Surge então uma nova mensagem: “fique sabendo, meu xará: você não veio aqui chamado por funeral de pessoa viva. Quem o convocou foi a morte de todo este lugar [...]” (COUTO, 2003, p. 171).

É chegado o dia do sepultamento, todavia, os mistérios que rondam essa família não se findam. O terreno do cemitério simplesmente não se abriu e não foi possível encontrar naquele lugar uma terra propícia a ser cavada, “a embrulhada não era apenas a recusa da terra em se abrir. Era o morto que se negava a entrar” (COUTO, 2003, p. 183). A terra somente se abriria depois que o jovem, através dos direcionamentos das cartas percorresse todos os labirintos e desvendasse todos os segredos daquela família. “Está quase completo o que tinha que fazer junto da família. Quase. Falta, porém, ainda o mais doloroso” (COUTO, 2003, p.198).

A revelação maior e mais dolorosa que aqueles escritos trouxeram foi sobre a verdadeira paternidade de Marianinho, nesse momento o jovem se encontra inteiramente envolvido num processo reflexivo de construção identitária. Ele descobre que seu avô na verdade é o seu

verdadeiro pai. Descobre que nasceu de um amor secreto e verdadeiro entre Dito Mariano e sua tia Admirança.

Depois dessa última revelação, o defunto completara sua missão. Foi sepultado às margens do rio pelo neto/filho. Dito Mariano levou consigo o sossego da organização familiar mediada pelas revelações dos segredos de sua família. A morte dele representou ao neto/filho um renascimento, e a (re)construção de sua própria história, uma nova concepção de identidade. Essas descobertas trouxeram consigo verdades desconhecidas, fragmentando-o frente a um processo de construção identitária.

No capítulo a seguir, realiza-se a análise da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto, discorrendo sobre o processo de construção identitária da personagem Mariano. Será o desfecho e o ápice da trajetória dessa pesquisa.

4. OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

A memória pode ser constituída por imagens da consciência que buscam recuperar, por meio das lembranças aquilo que outrora fora vivido. Ela não é absoluta, muito menos totalitária, uma vez que, há lapsos nas lembranças, instantes de silenciamento que impossibilitam o resgate latente dos acontecimentos vividos (SILVA JÚNIOR, 2008). “A memória [...], representa o elo entre o homem e o tempo. É através da memória que as histórias podem ser narradas, as tradições resgatadas e os mortos preservados. O tempo é o agente natural devastador nesse processo que é a vida” (FROTA, 2010, p. 31).

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003), a memória desempenha um papel fundamental para refletir a identidade, uma vez que:

A memória nos introduz uma dúvida, uma lâmina cortante e crítica que nos separa duma memória detentora de todas as lembranças. [...] Na contemporaneidade, [é constituída a partir de] resquícios de um tempo pretérito que sugere discussões identitárias, rompendo laços com [o pensamento de uma memória absoluta, muito disseminado como forma de tradição] e seu modo de pensar a questão (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 33).

Nesse sentido é constituída por fragmentos. A memória “é o lugar do vivido; mas do vivido fragmentado que cimenta e fundamenta a unidade contraditória dos laços mais vastos que modelam o indivíduo” (OTINTA, 2008, p. 81). É a memória “que funciona como frechas, fendas num rastro deixado pelo jogo do lembrar e esquecer” (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 31) em conflituosos e labirínticos caminhos, que conduzem o jovem Marianinho à um conflito existencial, marcado por surpresas e revelações. Tais aspectos influenciam diretamente na construção identitária da personagem.

A organização memorialística representada pelas cartas do avô Dito Mariano fez com que o jovem desvendasse os mistérios e os segredos envolvendo sua família. Essas lembranças traduzidas através dos manuscritos do avô fazem Marianinho ora identificar-se com seu povo, ora questionar o outrora vivido. Assim, “a escrita das cartas é, portanto, uma estratégia da narrativa de tentar reconstruir o passado de Mariano, mas também de tentar construir o que ainda não é” (FROTA, 2010, p. 36).

Desde a primeira carta, Mariano começa a ter uma proporção da complexibilidade daquilo que lhe espera: “Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas

forças [...] sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de contas são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia e não mostre nem conte a ninguém” (COUTO, 2003, p. 56). Afinal, quem poderia estar lhe escrevendo essas coisas? E por qual motivo a letra do anônimo remetente seria idêntica a sua? Ao examinar estes primeiros escritos, o jovem inquieta-se com a autoria, pois “aquela é a minha própria letra com todos os tiques e retiques” (COUTO, 2003, p. 56). A inquietude do protagonista ao perceber que as misteriosas cartas continham a representação fiel de sua letra gera uma:

sensação de desconforto [...] principalmente, quando os eventos desse passado parecem ao mesmo tempo próximos e distantes, [próximos por serem escritos de forma sobrenatural, com sua própria letra, e distantes por não revelarem a autoria de quem as escreve, e ele] [...] encontra dificuldade para dar sentido às experiências que está vivenciando” (OTINTA, 2008, p. 17).

As cartas não paravam de chegar, logo Mariano se vê incumbido de organizar a vida dos moradores de Luar-do-Chão: “Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito pelo contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento [...] não veio para salvar o morto. Veio para salvar a vida, a nossa vida” (COUTO, 2003, p. 56). Mesmo não sabendo o desfecho de tantos mistérios, o jovem segue cumprindo os direcionamentos dos escritos, por labirínticos caminhos e somente na quarta carta descobre que quem as escreve é o falecido avô Dito Mariano.

A narrativa fantástica de Mia Couto utiliza a morte para dar sentido à vida, de um modo sobrenatural como acontece com tais correspondências. A morte, ou melhor dizendo, este estado de morto/vivo de Dito Mariano, fez com que Marianinho desvendasse os mistérios que permeavam sobre toda sua família. Até que se cumpra o funeral, cabe a ele a missão de desvendar os segredos dos moradores de Luar-do-Chão, para que a paz volte a habitar naquele lugar.

As correspondências entre Dito Mariano e Marianinho representam um encontro entre a tradição e a modernidade. A tradição sendo representada pela oralidade, como é de costume em muitas culturas, principalmente, as mais antigas; e a modernidade constituída através da linguagem escrita. Esse encontro é percebido na trama quando é revelado que Dito Mariano é o autor das cartas, e quando o protagonista passa a ser o escritor dos manuscritos. Marianinho escreve inconscientemente, conduzido por uma voz do além. O patriarca é, na verdade, aquele que transmite de modo sobrenatural a mensagem para que o neto a escreva.

Estando em seus últimos momentos, Dito Mariano precisaria transmitir suas memórias para que a cultura de seu povo não fosse esquecida. E, para prolongar essa tradição, era necessário “um que viesse de fora mas que fosse de dentro” (COUTO, 2003, p. 173), sendo Marianinho esta pessoa, ele busca durante a trama preservar a memória de seu povo e organizar o seio familiar. Os relatos de memória do avô implicaram numa série de revelações conflituosas, que fragmentaram o protagonista num processo de identificação. Aquele que o tinha como neto de sua preferência, de quem recebeu o mesmo nome é o seu verdadeiro pai: “você é meu filho, meu maior filho, pois nasceu de um amor sem medidas [...] a vida escreveu no seu nome o meu próprio nome” (COUTO, 2003, p. 260). Essa paternidade recém-descoberta, desconcerta a personagem, fazendo-o estranho a si, colocando-o em crise.

Essa revelação implicou diretamente na vida de Mariano. As concepções de identidade existentes em seu plano de consciência foram ligeiramente desfeitas. Tudo aquilo que ele acreditava ser passa a não ser mais, ou a existir de uma outra forma. De neto à filho, de sobrinho à irmão e assim sucessivamente. “O conceito de estabilidade da identidade não se justifica mais, na medida em que o eu do sujeito está muito fragmentado, pois dentro dele há várias outras identidades que lhe moldam” (OTINTA, 2008, p. 24). Mariano é tomado por uma dispersão enquanto sujeito, precisa agora negociar com uma nova identidade. Essa negociação com os vários “eus” acontece em outros momentos de sua vida, quando muda-se para cidade, quando retorna à Ilha para o funeral e quando descobre todos os segredos por trás de sua existência. Ele precisou agenciar e negociar com as “várias casas” e suas possibilidades de identificação (HALL, 2006).

Quando Marianinho retorna a Luar-do-Chão é confrontado simultaneamente por dois mundos, o seu “eu, moldado e educado na cidade [...]” (COUTO, 2003, p. 151), onde adquiriu novos hábitos, isto é, uma nova forma de olhar a vida e, o momento provocado pelo seu retorno à Luar-do-Chão. Nesse retorno não se reconhece mais como partícipe daquele lugar:

Nos quartos, nos corredores, nas traseiras se aglomeram rostos que, na maior parte, desconheço. Me olham, em silenciosa curiosidade. Há anos que não visito a Ilha. Vejo que se interrogam: eu, quem sou? Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me. Pois eu, na circunstância, sou um aparente parente. Só o luto nos faz da mesma família. Seja eu quem for, esperam de mim tristeza. Mas não este estado de ausência. Não os tranquiliza ver-me tão só, tão despedido de mim (COUTO, 2003, p. 29-30).

É natural que o retorno à sua terra natal lhe causasse tanta estranheza, “por ser um homem em trânsito entre dois mundos: o da tradição e o da modernidade” (OTINTA, 2008, p. 112). Mesmo

que a cultura e as concepções de identidade de Luar-do-Chão tenham feito parte daquilo que Mariano concebia como bases sólidas de uma ancestralidade é compreensível o sentimento de não se reconhecer pertencente àquele lugar, sua cultura não mais se mantém pura, mas “contaminada” por outras com as quais passou a conviver.

Essa mesclagem entre a tradição e o moderno, conforme salienta Hall (2003), é caracterizada como “hibridismo cultural”. Tal termo “*não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os ‘tradicionalistas’ e ‘modernos’ como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade” (HALL, 2003, p. 74, grifos do autor).

Nesse sentido, o sentimento de deslocamento se intensifica ainda mais depois que o jovem descobre sua verdadeira filiação. As cartas representaram a fragmentação da identidade de Mariano, uma vez que aquilo que outrora administrava, mesmo que conflituosamente como sua identidade, suspende-se fragmentando-o e tornando-o autorreflexivo. Uma possível leitura é que a interação mediada pelas cartas e, conseqüentemente, pelas suas revelações resultou na fragmentação da identidade de Mariano, uma vez que elas impuseram uma nova forma de identificação:

a noção de identidade se modifica na medida em que ganha uma pluralidade, pela não conformidade entre os anseios subjetivos e as necessidades objetivas da cultura, devido às mudanças estruturais e institucionais, através das quais novas identidades culturais surgem e se modelam de forma provisória, variável, transformadas antes pelas formas com as quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais múltiplos que nos rodeiam (SILVA, 2011, p. 208-209).

O jovem precisou desconstruir suas concepções fixas ou condições de identificações para depois reconstruí-las, podendo identificar-se ou não com essa nova identidade que fora outrora mediada a partir da interação com seus familiares e com as cartas do avô, uma vez que “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais [...] a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais [...] não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si” (CUCHE, 1999, p. 182-183).

Marianinho passou a administrar múltiplas identidades, oriundas das trocas sociais e do convívio com o outro, novas formas de identificação, um novo jeito de lidar até mesmo com seus familiares. Estabelecendo um contraste entre o jovem estudante moderno e o garoto de Luar-do-Chão, dois modos de vida, duas identidades que se diferem entre si. A identidade que ora assume,

depende da posição e do contexto social em que está inserido, visto que, “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 1999, p. 182).

A relação que Mariano mantinha na cidade bem como seu estilo de vida contribuíam para a construção de sua identidade enquanto jovem universitário, atravessado pela modernidade; já a relação mantida na Ilha com os familiares e com o avô clinicamente morto, evidenciaram uma nova forma de identidade, principalmente, depois de descobrir que Dito Mariano era seu verdadeiro pai. Os acontecimentos que cercaram a vida de Marianinho possibilitaram reflexões no intuito de desvincular-se da ideia de uma identidade fixa e puramente imutável, tornando-a fruto de um processo de mudança.

O sujeito passa a ser cada vez mais fragmentado, sua identidade jamais será fixa e absoluta, estará sempre em contato com o outro, suas singularidades serão continuamente confrontadas em relação ao meio social no qual está inserido. Se há interação há fragmentação e ela acontece através da transitividade, sujeitos em trânsito, em movimento, reinventando-se e redescobrendo-se constantemente, logo “nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O carácter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade” (CUCHE, 1999, p. 192).

Destarte, a identidade constitui-se de modo heterogêneo, sempre fragmentada e nunca completa. É construída constantemente e transformada significativamente mediante a interação com o outro. Assim, sempre será ela incompleta, principalmente no que diz respeito aos sujeitos das relações pós-modernas, que assim como Marianinho, não conseguem encontrar uma única referenciação em torno de seu eu, mas sim várias possibilidades de identificação. Administram múltiplas identidades em diferentes contextos sociais, várias possibilidades de se identificar ou não diante das relações com o eu e com o outro, ocasionando insuficiência de certezas e conflitos existenciais (HALL, 2006).

Esse conflito é proveniente de um mundo pós-moderno onde “antigas identidades que, por um considerável espaço de tempo, estabilizaram o mundo social estão em declínio, originando novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno” (SILVA, 2011, p. 204). Os adventos dessa modernização trouxeram consigo um universo imprevisível e incerto, todos os conceitos passaram a ser questionados, nada é absoluto nem mesmo nossa identidade:

entende-se assim, a identidade como algo formado, ao longo do tempo, através de processos diversos inconscientes, distanciando-se da visão anterior de identidade inata, existente na consciência desde o nascimento. A identidade está sempre em processo de mutação contraditórios, inacabados e fragmentados (SILVA, 2011, p. 210).

O sujeito moderno perdeu as âncoras da estabilidade, não tendo mais um único centro para sua identidade, mas sim, várias possibilidades de identificação. Um processo contínuo de mudanças, que desloca e desestabiliza o que é fixo, promovendo múltiplas identidades. Em razão desse contexto todo, esta análise considerará dois aspectos, sendo 1.) a identidade fragmentada e, 2.) a identidade em trânsito no contexto das tramas da memória para discorrer neste capítulo.

4.1 Identidade fragmentada

A ideia de uma identidade única e pura precisa urgentemente ser desmistificada, haja vista tantos estudos acerca da complexibilidade de rotulá-la. A temática identidade envolve muito mais que meros conceitos, prontos e pré-estabelecidos, uma vez que se trata de um processo que está sujeito a (des)construção. “As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” (HALL, 2003, p. 44).

É fantasioso pensar que mesmo em meio às diversas relações sociais o sujeito tenha uma identidade estável. Ao contrário disso, a posição que este ocupa e as interações que realiza com o seu meio social faz com que ele sofra influências diretas em sua identidade, esta fragmentada. “Desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de concepções que põe em evidência sua própria fragmentação, configurada como o ‘descentramento’ das chamadas identidades modernas” (DINIZ, 2008, p. 24). Com isso:

[...] o absolutismo do puro, do incontaminado, não se sustenta. Pergunta-se constantemente como podemos pensar em Identidade se vivemos diversos processos de reconstrução delas? Saímos da lógica binária, que separa idéias e significações ao se pensar acerca de qualquer discussão, para nos inserir na era da fragmentação dos conceitos – espaço de rejeição de totalidades e/ou significados exclusivamente verdadeiros e fechados (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 28).

Diante dessa fragmentação, é crucial haver uma rejeição de concepções fixas no que se referem à ideia de identidade, pois ao longo de seu processo de construção o indivíduo tende a assumir várias possibilidades de identificação, como acontece com Mariano. Otinta destaca que tal aspecto “é a presença de dois lugares que ele experimentava dentro de si” (2008, p. 103). Os anos

de convivência na cidade, o contato direto com outros hábitos e uma cultura distinta da sua de origem o fez perceber as diferenças entre esses dois mundos dos quais ele faz parte. Nesse processo, Marianinho identifica até mesmo a falta de progresso e decadência da Ilha: “a vila é ainda demasiado rural, falta-lhe geometria dos espaços arrumados [...] as casas de cimento estão em ruína, exaustas de tanto abandono” (COUTO, 2003, p. 27).

O retorno do jovem à terra natal é responsável pela rememoração da cultura de seu povo. Por meio dos relatos de memória, Mariano apresenta ao leitor alguns traços evidentes da tradição dos moradores de Luar-do-Chão. A saudação calorosa, o respeito pelo rio e pela natureza, o destelhamento da casa para o funeral e o modo de regá-la como plantas, a morte dos animais como incumbência dos mais velhos, o uso do termo “plantar defunto” ao invés de “enterrar” e a cozinha sempre separada da casa são elementos constitutivos da cultura da Ilha. No entanto, a tradição é quebrada no instante em que Mariano descobre que o avô confiou a ele a incumbência de presidir o funeral. De acordo com os rituais, somente o mais velho deveria desempenhar tal função, além disso recebeu as chaves da casa, bem como a missão de guardar toda família.

Os mistérios que envolvem a família de Mariano aos poucos vão se desconstruindo, deixando evidente os confrontos que o protagonista sofre consigo mesmo. Destaca-se como um desses confrontos o ato sexual realizado pelo protagonista durante a estadia na ilha. Este o fez mesmo sabendo que “seria fatal se, neste tempo de luto, houvesse namoros na casa. Durante as cerimônias se requer a total abstinência” (COUTO, 2003, p. 55). Situações como esta se justificam pelo fato de que Marianinho se encontra deslocado em seus próprios referenciais, muito provavelmente não mais se identifique enquanto Malilane⁴. Os referenciais de mundo que o jovem possui não se resumem estritamente à cultura de seu povo. Sua identidade é concebida enquanto processos de fragmentação que ele sofre continuamente durante o romance. Esses processos:

são resultados sempre transitórios e fugazes dos mais diversos sistemas culturais que se inter cruzam promovendo a heterogeneidade. Ainda as identidades aparentemente mais sedimentadas trazem intrinsecamente várias temporalidades, transformações e negociações, o que possibilita afirmar que identidades são identificações em curso (DINIZ, 2008, p. 30).

Por ter uma identidade compreendida enquanto processos de fragmentação, sujeitas a transformações e negociações consigo mesmo que Mariano comporta-se de tal modo durante a

⁴ Termo usado para se referir aos de sua família, aporuguesado quer dizer Mariano.

trama. O jovem realiza negociações com suas múltiplas identidades. Em sua concepção de jovem formado na cidade, o ato sexual no luto seria uma prática natural, enquanto para os familiares de Luar-do-Chão a mesma prática nesse período é proibida. Acontece que “ao voltar para o seio da família, espaço com o qual as pessoas geralmente se sentem identificadas pelos laços de parentesco existente entre elas, contraditoriamente, a sensação de Marianinho é de inadaptação” (DINIZ, 2008, p. 24). Assim, diante da convivência com os familiares, no intuito de desvendar os mistérios que envolve seu povo, a identidade de Mariano passa a existir “enquanto conjunção provisória de pequenos fragmentos” (DINIZ, 2008, p. 39).

O jovem busca compreender sua identidade mediante os relatos de memória de seus familiares e as cartas recebidas pelo avô. No entanto, ter a memória como elemento de construção identitária é tê-la em fragmentos. Silva Júnior destaca que:

O jogo do lembrar se faz a partir de vestígios, cuja pretensão não é, através destes fragmentos, remontar ou reconstruir um passado autêntico, idêntico ao que antes fora, sobretudo de recontá-lo respeitando a alteridade; consciente dessa (in)consciência que trabalha com os restos – resíduos de tudo aquilo que no presente já não se tem (SILVA JÚNIOR, 2008, p.32).

Foram esses vestígios e resíduos de memória, envolta em um passado conflituoso que trouxeram a Mariano revelações que mudaram o rumo de sua vida. A conflituosa trajetória na Ilha tem como desfecho a revelação da paternidade de Mariano. Tendo descoberto que Dito Mariano era seu verdadeiro pai, o jovem Marianinho precisou compreender o contexto de sua identidade, assimilando a nova realidade que agora o cercava: “uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele” (COUTO, 2003, p. 22).

A vida de Mariano se revelara incerta e sua identidade resulta “estilhaçada, em ruínas, cacos, fragmentos” (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 59). O jovem precisou ajustar-se a uma nova concepção enquanto sujeito, a identidade que ora buscava (re)construir foi rapidamente transformada. A relação que ele outrora construiu com seu avô tornou-se ainda mais intensa, reconfigurada em um novo cenário, conforme pode ser vista na seguinte passagem: “Desde que nascera o Avô Mariano me havia escolhido para sua preferência” (COUTO, 2003, p. 45). Não se tratava mais de um neto preferido, mas de um filho, fruto de um verdadeiro amor.

Mariano teria agora que administrar uma nova identidade. Com um olhar reflexivo aos acontecimentos passados, percebe-se agora irmão de Fulano Malta e não mais filho, como se observa na seguinte passagem: “passo pela varanda de Fulano Malta. Hei-de sempre chamar esse

homem de ‘pai’ [...] Meu antigo pai surge das traseiras com sua velha farda de guerrilheiro” (COUTO, 2003, p. 244-245). Nota-se que embora afirme que sempre chamará Fulano Malta de pai, Mariano usa o termo “antigo” pai para referir-se a ele logo em seguida. Fica explícita a crise identitária sofrida pela personagem, que terá que transitar entre a condição de “irmão” de Fulano Malta e não “filho”.

A identidade de Mariano vai sendo (re)constituída a partir de um novo olhar sobre as vivências. “A identidade é sempre resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou indivíduo afirma por si mesmo” (CUCHE, 1999, p. 197). A mudança ocasionada na identidade de Mariano não foi proveniente de seus próprios interesses, porém de uma nova forma de identificação, resultante do mundo social e do biológico.

Mesmo sendo admissível que a identidade esteja ligada ao nascimento, ao parentesco, aos genes; é necessário adotar a consideração de que qualquer forma de dispersão abala a origem reconhecível do sujeito, cujo deslocamento permeia a sensação de desconforto e possibilitará a impuridade, a amalgamação e variações novas (GOMES, 2015, p. 113).

Mariano sofre uma brusca dispersão, as referências que tinha sobre sua família não se sustentavam mais. O jovem precisou acionar e agenciar novas possibilidades de identificação, múltiplas identidades em torno de si. Depois de descobrir que Admirança era sua verdadeira mãe, ele vai ao seu encontro numa possível tentativa de acionar uma nova identificação, conforme pode ser visto na seguinte passagem:

E no meio de tudo, entre as tantís-simas imagens, consta uma fotografia minha nos braços de Admirança.

– *Olha nós dois, Mariano.*

Levanta o braço para me dar a mão. Quero falar, mas reparo que não consigo chamá-la de “mãe”. Abraço-a como se fosse agora que eu chegasse à casa. A Avó nos interrompe:

– *Deixem-se disso, nem parecem tia e sobrinho.*

[...] Pega-me nas mãos e inspeciona-me as unhas. Nelas carrego terra, a areia escura do rio. Mesmo assim, Admirança me beija as mãos. Tento retirar os braços do seu alcance, salvando-a das sujidades.

– *Deixe, Mariano. Essa terra é abençoada.*

– *Mãe?*

– *Não, sua mãe morreu. Nunca esqueça.*

Beijo-a na testa, em despedida. Vou, de vago, como que em errância de nenhum caminho haver (COUTO, 2003, p. 246-247).

Agenciar novas identificações representou ao jovem uma gama de incertezas. As revelações pareciam ainda se manter ocultas de seus familiares. Conforme foi lido, no romance a avó

Dulcineusa sustentou que Admirança é tia de Mariano, e esta insistiu em dizer que a mãe do jovem já morreu. Tais situações refletem num vazio relatado pelo próprio protagonista, evidenciando um processo de fragmentação que este se encontra.

Vale ressaltar que, mediante tantas emoções, as revelações trouxeram a Marianinho, saber que Admirança era sua verdadeira mãe. Talvez tenha sido uma das mais conflituosas revelações. Durante a trama, em vários momentos, o jovem teve desejos sexuais por ela, conforme se lê: “De encontro ao peito, sinto os seus seios provocantes [...] aprecio o quanto o seu corpo acedeu à redondura” (COUTO, 2003, p. 30). Em outra passagem, Mariano descreve: “Os botões do vestido, em desleixo, deixam vislumbrar os seios volumosos. Estremeço. Me custa confessar mas a Tia Admirança me acende de mais o rastilho” (COUTO, 2003, p. 58) e, em um outro trecho, o jovem relata: “Nunca o sexo me foi tão saboroso. Porque eu sonhava com quem amava, sonhando amar naquela todas as mulheres. Admirança seria quem eu mais desejaria que fosse” (COUTO, 2003, p. 112).

Em diferentes contextos do romance, o jovem sentiu-se atraído sexualmente por sua verdadeira mãe. Precisar-se-á agora enxergá-la de outra forma para agenciar suas emoções. Quanto ao pai, Mariano discorre ao final da narrativa: “Chamo-lhe de ‘avô’ e sei que agora ele é meu pai. Para mim, Dito Mariano será sempre meu avô” (COUTO, 2003, p. 257). Nota-se que o jovem, mesmo tendo desvendado todos os mistérios que envolviam sua vida e de sua família, recorda-se do falecido com apreço e saudade:

Sob a grande sombra não me dói a ausência do mais-velho dos Marianos. Sinto falta, sim, da nossa secreta correspondência. Aquelas cartas me fizeram nascer um avô mais próximo, mais a jeito de ser meu. Pela sua grafia em meus dedos ele se estreava como pai e eu renascia em outra vida (COUTO, 2003, p. 257).

A secreta correspondência mantida entre Dito Mariano e Marianinho demonstrou-se crucialmente importante no processo de construção identitária do jovem. Os laços entre ambos foram intensificados e o jovem experienciou emoções nunca vividas:

As cartas instalavam em mim o sentimento de estar transgredindo a minha humana condição. Os manuscritos de Mariano cumpriram o meu mais intenso sonho. Afinal, a maior aspiração do homem não é voar. É visitar o mundo dos mortos e regressar, vivo, ao território dos vivos. Eu me tinha convertido num viajante entre esses mundos, escapando-me por estradas ocultas e misteriosas neblinas (COUTO, 2003, p. 257-258).

Na citação, Marianinho transita entre as informações do mundo dos vivos e dos mortos. Torna-se viajante nesse contexto de vivência incerta. Quando recebe a última carta do Avô Dito Mariano, esta correspondência tem função de despedir-se daquele que cumpriu a árdua tarefa de organizar a vida dos moradores de Luar-do-Chão:

[...] você meu neto, cumpriu o ciclo das visitas [...] lhe contei tudo sobre sua família, desfiei histórias, desfiz o laço da mentira [...] nesses dias, deitado naquela sala sem telhado, fui contemplado por luas e por estrelas. Às vezes, me descia um frio sem remédio [...] mas depois eu sentia-o chegar, meu filho, e a minha cabeça declinava em sua mão: e você escrevia as minhas cartas [...] (COUTO, 2003, p. 258-260).

Os acontecimentos que envolveram fantásticamente a vida de Mariano e seus familiares são pontos de partidas para refletir sobre a temática identidade. A interação mantida com os familiares e a correspondência entre ele e o avô possibilitaram a (re)construção de sua própria história, uma vez que “a questão identitária necessita da presença de um outro para com ele estabelecer relações no espaço onde o desejo de identificação é articulado” (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 29).

A interação de Mariano com os familiares e os relatos de memória do seu povo, possibilitaram ao jovem a reconstrução de seu passado e a desconstrução daquilo que outrora seria sua “base”. As revelações possibilitaram a ele uma nova condição de existência. A identidade do protagonista se (re)construiu diante da relação mediada pelo elemento memória e este se constitui por fragmentos.

Na trama, os relatos de memória foram responsáveis por conduzir Mariano à um conflito existencial. Passado e presente foram conectados mediante a manifestação de lembranças. Embora os relatos de memória tenham trazido novas concepções de identidade para o protagonista, é importante ressaltar que tais relatos são “aparições” que, inconscientemente, vêm e vão sem um controle absoluto. Pensar a identidade a partir do elemento memória é compreendê-la diante de um processo de fragmentação. Assim, a identidade jamais será plena ou absoluta, ora ou outra o sujeito será confrontado por essas “aparições” e as múltiplas possibilidades de estar representado.

4.2 Identidade em trânsito

As discussões relacionadas à identidade têm ganhado espaço nas mais variadas áreas do conhecimento. No campo das Ciências Humanas, cabe destacar que a Literatura, em específico a contemporânea, é uma das que mais têm abordado, em suas manifestações literárias, temas que

tratam, como questão central, os processos de construção de identidade. Ou pelo menos, em algum momento da narrativa esse elemento (identidade) seja acionado.

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, Mia Couto (2003), traz essa temática de modo constante, isto é, durante toda a narrativa, o personagem principal, Marianinho, encontra-se em conflito, pois se vê na busca incessante por uma identidade. Ela é (re)construída durante o romance, pois os acontecimentos vividos pela personagem reorganizam sua relação com o mundo e as pessoas com quem convive, por isso pode se dizer que Marianinho se encontre em trânsito. Hall (2003) aponta que “paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural” (HALL, 2003, p. 44). Nesse sentido, esse processo de construção identitária está sempre em fase de transição, sendo algo contínuo na formação dos sujeitos.

A exemplo disso, na narrativa de Mia Couto (2003), Marianinho procura reafirmar sua identidade e, para que ele possa entender sua história, aciona suas lembranças do passado. Em sua viagem de volta a Luar-do-Chão, durante seu percurso de passagem a bordo de um barco, Marianinho recorda-se primeiramente do lugar em que morava. Ele inicia sua viagem apresentando o seu lugar de origem descrevendo, que “a Ilha era a nossa origem, o lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. Ou, no aportuguesamento: os Marianos” (COUTO, 2003, p. 18). A Ilha representa um lugar de isolamento/preservação. Sair da Ilha é uma possibilidade de tornar-se outro de si, mesmo em contexto com o mundo e outras pessoas, rompendo as barreiras da preservação. Essa lembrança remete à origem de seus antepassados e ao local em que ele também viveu; constrói uma sensação de retorno ao lugar que sempre o pertenceu, mas como aponta Stuart Hall:

a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’. Depende de um conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em mutação’ e de um conjunto efetivo de genealogias. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44, grifos do autor).

A ideia de não pertencimento ao lugar de origem é, de certo modo, uma constante para o protagonista. Ao retornar a Luar-do-Chão, Mariano se encontra mais uma vez em uma transição de identidade, visto que quando ainda rapaz foi mandado para a cidade, e lá construiu um modo diferente de identificação, no entanto, ao retornar à ilha tem que negociar essas relações identitárias

com o passado que também o constitui. Em um diálogo com seu avô antes de ser mandado para cidade, Mariano fala:

– *Eu volto, Avô. Esta é a nossa casa.*

– *Quando voltares, a casa já não te reconhecerá – respondeu o Avô.*

O velho Mariano sabia: quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retoma. Aquele não seria o lugar de minhas cinzas. Assim fora com os outros, assim seria comigo (COUTO, 2003, p. 45, grifos do autor).

A necessidade de negociar com o local de origem é o que consiste nessa transição identitária da personagem. Ao recordar-se do avô, o protagonista sente que era necessário esse seu retorno para encontrar-se nas suas lembranças. Por isso declara:

[...] dói-me pensar que nunca mais o escutarei contando histórias. Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas. Ainda que fosse uma romantização das minhas origens mas eu, deslocado que eu estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus (COUTO, 2003, p. 43-44).

Esse fragmento torna explícito que não é o seu retorno à ilha que trará de volta a sua identidade, uma vez que ele já havia tido contato com outras culturas diferentes e por mais que ele rememore a cultura e os traços identitários de seu povo tende a não mais se identificar em sua completude. Esse aspecto traz à tona uma:

quebra da concepção de um sujeito uno e completo, ou seja, desde a crise do sujeito contemporâneo [...] o homem, juntamente com o conceito de identidade, faz-se fragmentário e, por vezes, vazio. Marianinho simboliza esse novo homem, que busca as origens, a proteção oferecida pelos laços familiares e não as encontra (DINIZ, 2008, p. 38).

A busca por suas origens sempre foi rodeada de dúvidas e incertezas. O sentimento de incompletude em que vive o protagonista é algo que o afeta também na sua construção identitária. Seu retorno a Luar-do-Chão é incompreendido também pelos que ali moravam:

as ruas estão cheias de crianças que voltam da escola. Algumas me olham intensamente. Reconhecem em mim um “estranho”. E é o que sinto. Como se a Ilha escapasse de mim, canoa desamarrada na corrente do rio. Não fosse a companhia da Avô, o que eu faria naquele momento era perder-me por atalhos, perder-me tanto até estranhar por completo o lugar (COUTO, 2003, p. 91).

Ao descrever-se como um estranho em seu local de origem, Marianinho sente a “sensação de desabrigo [...e] tal sensação, contudo, não se deixa suplantada por uma nostalgia acrílica, pela

ilusão de uma origem fixada num ponto do passado” (DINIZ, 2008, p. 37). Para ele, parece impossível resgatar sua origem e assumir uma identidade em um local que o desconhecem. É a partir da necessidade de preencher esse vazio que Marianinho passa então a verificar e analisar situações do passado da sua família em busca de respostas.

Tal situação reverbera na relação com outros personagens, pois serão fundamentais para que Mariano compreenda sua identidade. Diniz (2008) diz que “o fazer e o refazer das identidades, os ‘sistemas culturais que nos rodeiam’ implicam a presença do ‘outro’, instância indispensável para a construção do ‘eu’, seja ele individual ou social” (DINIZ, 2008, p. 31, grifos do autor). Desse modo, resgatar sua história e tentar reorganizar o papel de cada um dos outros personagens em sua vida é uma das formas de se reconstruir e de refazer sua própria história. Para entender-se com seu *eu*, o protagonista invoca o passado:

a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas [...] (SAID *apud* DINIZ, 2008, p. 38).

O “‘desvio através de seus passados’ faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições” (HALL, 2003, p. 44). Então, Marianinho, na condição de nativo-retornado⁵, encontra-se como um “novo sujeito cultural africano, pois, embora tenha recebido uma educação europeizada, busca conhecer e redescobrir parte do mundo dos ancestrais. É uma figura que está sempre fazendo negociações culturais” (DINIZ, 2008, p. 35).

Essas negociações culturais são presenciadas a partir do retorno do jovem a sua terra natal, representadas mediante diversos relatos de memória: “Foi naquele chão que inventei brinquedo e rabisquei os meus primeiros desenhos. Ali escutei falas e risos, ondulações de vestidos. Naquele lugar recebi os temperos do meu crescer” (COUTO, 2003, p. 145). O retorno de Mariano permitiu que ele (re)vivesse acontecimentos que cercavam sua história, permitindo ao leitor vivenciar as inquietações acerca da vida do protagonista: “Ninguém nunca me contou como ele e minha mãe se

⁵ Nomenclatura criada por Érika Ribeiro Diniz (2008) para se referir ao personagem que retornou à sua terra natal.

conheceram. Era assunto interdito em nossa casa. Como também era proibido falar-se no modo como a mãe veio a falecer. Que se tinha afogado, isso sabia-se vagamente” (COUTO, 2003, p. 71).

O jovem pouco sabia a respeito de sua origem. Sobre sua mãe pode-se ler o seguinte trecho: “Mariavilhosa tivera-me a mim, no meio de frustradas tentativas” (COUTO, 2003, p. 105). O pouco que sabe é aquilo que outrora os mais velhos contavam:

Dirijo-me às encostas onde, em menino, eu pastoreava os rebanhos da família [...] as cabras me atiram para lembranças antigas. E o rosto de Mariavilhosa, minha doce mãe, vai neblinando o meu olhar [...] minha mãe tinha engravidado, antes de mim. Mas alguma coisa não correrá bem [...] O médico, sempre o mesmo Mascarenha, tinha assegurado que Dona Mariavilhosa jamais poderia voltar a conceber. A medicina se engana e eu sou prova viva disso (COUTO, 2003, p. 190-191).

Esses relatos de memória evidenciam uma transitividade em relação à construção identitária de Mariano: “Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-Chão” (COUTO, 2003, p. 211). O seu retorno à Ilha trouxe consigo um misto de emoções e descobertas que impactaram diretamente a vida da personagem, “[...] é curioso eu procurar inspiração no mais-velho. Afinal, já me vou exercendo como um Malilane.” (COUTO, 2003, p. 203). Mesmo que Mariano tente resgatar suas origens e definir uma identidade fixa para si, não consegue, pois:

construir memória visando a construção de um todo alicerçado de fragmentos preenchidos ficcionalmente é o que [acontece]. Às vezes, algumas artimanhas da memória são produzidas para nos ludibriar numa tentativa de revelar-se absoluta, mas esta vive como se numa teia, amarrando pensamentos; argumentos que se expandem circunscritos em frechas, que cada vez mais afastadas do ponto da lembrança, mais se fragmenta (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 32).

A memória pode sim ser um ponto de referência para a construção da identidade, no entanto tê-la como único referencial é o que envolve o jovem em uma verdadeira “teia”, na qual ele jamais conseguirá desvendar por completo, uma vez que os construtos que fundamentam a ideia de identidade sempre estão em construção, sujeitos a questionamentos e eventuais modificações:

[...] A identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades (HALL, 2003, p. 432-433).

É justamente isso que acontece com Mariano, diante dos repertórios vividos em seu retorno provenientes da interação com os familiares. Ele tende a se posicionar com tais formas de identificação, sempre provisórias e que estão em confronto com aquelas já existentes. As identidades do protagonista têm como elemento constitutivo a transitividade, estando em curso, fazendo e refazendo se constantemente.

Em síntese, este capítulo buscou, inicialmente, em *Os labirintos da memória e suas contribuições para as concepções de identidade*, compreender de que modo o elemento memória contribuiu para a construção identitária da personagem. Foi a memória, em labirínticos caminhos, que conduziram o jovem a uma redescoberta de si mesmo. Ela é compreendida como “resquícios”, que buscam recuperar os acontecimentos já vividos. No entanto, essa busca acontece de modo fragmentado, não se pode recuperar os acontecimentos do passado de forma absoluta.

O processo de fragmentação foi problematizado em *Identidade fragmentada*. Neste tópico, discutiu-se sobre a complexibilidade de conceituar a identidade em sua completude. Diante dos estudos, a ideia de identidades absolutas é desconstruída, analisando a construção da identidade de Mariano tendo como referência central a memória. Constatou-se que os relatos de memórias fizeram o protagonista administrar novas possibilidades de identificação, de acordo com o contexto social em que esteve inserido.

Por fim, *Identidade em trânsito* explicou o aspecto da transitividade na identidade. Ao acionar as lembranças do passado, em um contexto de interação com o outro, Mariano viu-se incumbido de negociar suas condições de identificação com o passado que outrora lhe pertenceu. Essas identificações, quando em curso, fazem e se refazem constantemente, estando sujeitas a processos de mudanças.

Embora tenha-se escolhido tais aspectos para refletir sobre a temática identidade, os estudos realizados nesta monografia não esgotam outras possibilidades de leitura do assunto, convidando novos pesquisadores a problematizar outros aspectos do livro em investigações posteriores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, de cunho bibliográfico, possibilitou reflexões sobre o processo de construção de identidade, buscou analisar esta temática mediante a leitura do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003). Notou-se que na sociedade pós-moderna, o sujeito está frente à uma sucessão de acontecimentos que o fragmenta. A ideia que se tinha de conceitos fixos e pré-estabelecidos é desconstruída, tendo em vista a disseminação rápida de informação. O sujeito passa a experienciar novas formas de agenciar o mundo e a si mesmo, e tende a assumir comportamentos diferentes, de acordo com o contexto social em que está inserido.

Tal comportamento tornou-se relevante para discutir a temática identidade. Se o sujeito assume múltiplas formas de identificação, significa dizer que ele está instaurado num processo de construção identitária, onde escolhe mesmo que momentaneamente uma forma de identificação, não tendo um núcleo central, mas sim múltiplas possibilidades.

O indivíduo descentrado tem sua identidade (re)construída numa relação de *outridade*, e essa interação contribui para que suas condições de identificação sejam provisórias, estando sujeitas a constantes modificações. O *outro*, torna-se essencial nesse processo de construção, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos” (HALL, 2006, p. 39).

Na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003), observou-se que a narrativa pós-moderna constrói os acontecimentos de modo não linear, produzida com a intenção de despertar no leitor o espírito investigativo, fazendo-o produzir sentidos para significar a leitura: um olhar minucioso para o movimento que o narrador faz, onde ambos não possuem certeza plena de todos os acontecimentos, produzindo “juntos”, significação para a trama.

O romance de Mia Couto (2003), difere das narrativas tradicionais em que o narrador compartilha a própria experiência, cuja função mormente é a de conduzir os acontecimentos objetivos e lineares. Nesse tipo de narrativa, o leitor se posiciona como mero receptor da história, que assiste a trama se desenvolver até o desfecho final. Na narrativa que Mariano conduz no entanto, outras pessoas também tomam a voz para narrar, acrescentando informações que o próprio protagonista desconhece. Essa condição construída pela literatura pós-moderna faz com que o leitor deixe o patamar de receptor, que somente assiste os acontecimentos, para assumir a postura de um

investigador crítico reflexivo, produzindo sentidos para além do que as palavras dizem, compreendendo os usos sociais de cada termo empregado e cada ação executada.

Nesta monografia, procurou-se evidenciar de que modo o protagonista Mariano está inserido no processo de construção identitária e como ele se utiliza do elemento memória para dar sentido a sua vida, na tentativa de (re)construir a sua história, bem como a histórias dos moradores de Luar-do-Chão. Conclui-se que a memória foi um elemento crucial para este processo, conduzindo a personagem por labirínticos caminhos, onde o jovem pôde identificar-se mesmo que temporariamente com o que estava a sua volta. As memórias registradas ora com diálogo de familiares ora com a visitação das cartas fizeram com que o jovem desvendasse os mistérios do seu povo, bem como o segredo de sua própria vida, quando descobre que Dito Mariano era seu pai.

Mariano encontra-se diante de um processo de fragmentação. Nesse momento, a concepção de uma identidade fixa se desconstrói e ele, como sujeito descentrado, buscou possibilidades de identificação de acordo com as relações sociais mantidas com o outro. Essa fragmentação acontece em pelo menos três instantes: quando vai para a cidade estudar e tem contato com uma cultura diferente daquela que possuía; quando retorna a ilha e tenta (re)construir suas raízes e quando descobre sobre sua verdadeira paternidade.

Em todas essas situações, o jovem encontra-se num processo de descentralização, não tendo como prioridade uma única identidade, mas tendo que administrar múltiplas formas para preencher o vazio de seu próprio eu. Conclui-se que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] ela permanece sempre incompleta, está sempre em ‘processo’, sempre ‘sendo transformada’” (HALL, 2006, p. 38).

Desta forma, é possível afirmar que Marianinho durante toda a trama assume identificações provisórias, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada” (HALL, 2006, p. 39). Essas identificações que o sujeito assume tem como elemento constitutivo a transitividade.

O romance de Mia Couto (2003) evidencia a posição do sujeito na era da pós-modernidade. O conceito de uma identidade pura não se fundamenta e o que se tem são sujeitos descentrados que buscam assumir, provisoriamente, formas de identificação. Essas identificações estão sujeitas a modificações, a partir do lugar social que o sujeito ocupa e da relação que ele mantém com o outro, haja vista que à medida que estes se confabulam, suas formas de identificação tendem a sofrer influências e serem modificadas.

Por fim, torna-se relevante destacar que as reflexões que foram apresentadas neste estudo são de cunho provisório, tendo em vista que o conhecimento científico avança diariamente. Desse modo, os levantamentos feitos aqui estão sujeitos a adaptações e aperfeiçoamentos futuros, “existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis” (HALL, 2006, p. 41).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectivas, 2014.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; MELO, Marcio de Araujo; SILVA, Natali Fabiana da Costa. **Narrativas do eu, narrativas do mundo: narrativas do narrar**. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2016.

_____. Guimarães Rosa: movimentos do eu, movimentos da cultura. In: CUNHA, Betina Ribeiro da; MELO, Marcio de Araujo; SILVA, Natali Fabiana da Costa. **Narrativas do eu, narrativas do mundo: narrativas do narrar**. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DINIZ, Érika Ribeiro. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto: identidades em trânsito**. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7M8HKS>>. Acesso em: 15. abr. 2020.

FENSKE, Elfi Kürten. Mia Couto: o afinador de silêncios. **Templo Cultural Delfos**, 2012. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2012/11/mia-couto-o-afinador-de-silencios.html>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

FLEXA, Andreza dos Santos. História e identidade: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 8, p. 29-40, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4963>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FROTA, Luciane da Mota. O tempo e a memória em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra de Mia Couto. **Cadernos CESPUC de pesquisa**. Belo Horizonte, v. 2, n. 20, p. 31-39, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7866>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GOMES, Geam Karlo. Identidade em trânsito: a experiência diaspórica em nação crioula. **Especiaria: cadernos de Ciências Humanas**. v. 16, n. 27, p. 107-122, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/issue/view/101>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabebguele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, Ignácio Godinho. **Vozes (além) da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e histórias africanas**. Juiz de Fora: Editora UFRJ, 2006.

OTINTA, Jorge de Nascimento Nonato. **Mia Couto: memória e identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-01092008-160730/pt-br.php>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. Rio de Janeiro: Liceu, 1969.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social: Rev. Sociol.** São Paulo: USP, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidad>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

SANTOS, Darlan Roberto dos. O narrador no romance e na escrita (auto) biográfica: ficção e realidade a serviço da experiência. **Revista de Letras** (UNESP). São Paulo: v. 52, n. 1, p. 9-22, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/5122>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SILVA, Gisele Reinaldo da. O homem moderno fragmentado e a complexibilidade em torno do conceito de identidade. **Revista Memento**. Minas Gerais: UNINCOR, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/159>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

SILVA JÚNIOR, Carlos Borges da. **A fragmentação da memória nos romance de Milton Hatoum**: um estudo sobre Dois Irmãos e Cinzas do Norte. 2008. 125f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, 2008.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Princípios, 2007.